

Ode a “Garra”. Representações e Memória sobre a vitória uruguaia em 1950¹

Alvaro Vicente do Cabo²

Universidade Cândido Mendes.

Resumo

A final da Copa do Mundo de 1950, disputada entre Brasil e Uruguai, é uma partida de futebol que permanece ao longo dos anos repleta de representações e de elementos de acionamento da Memória coletiva tanto no Uruguai quanto no Brasil. O objetivo do presente artigo é analisar uma fonte uruguaia de caráter memorialista que foi elaborada quase quatro décadas depois, a fim de perceber a manutenção e/ou ressignificação de clássicas representações coletivas sobre o futebol uruguaio como as garras celeste e charrua, e das justificativas para a vitória da seleção visitante dentro do estádio do Maracanã. Analisar o processo de enquadramento de memória desta partida a partir da perspectiva de um olhar uruguaio pode ajudar na reflexão crítica sobre a relação entre futebol e Nação regularmente mediada por representações coletivas a partir de veículos da imprensa.

Palavras-chave

Copa do Mundo ; Representações coletivas; Memória; Uruguai; Imprensa

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar uma fonte posterior a final do mundial de 1950 que é um importante instrumento de acionamento da memória do “Maracanazo”³ no Uruguai as vésperas da realização de outra Copa do Mundo, a de 1990 realizada na Itália.

A fonte é a revista n.4 da Coleção de Ouro da História dos Mundiais de Futebol, editada pelo Jornal El País, e publicada em 29 de setembro de 1989. Trata-se de um fascículo com 35 páginas que descreve os principais acontecimentos da Copa do Mundo realizada no Brasil a partir de uma perspectiva jornalística memorialista que contribui bastante para um enquadramento de memória nos termos de Pollack (1989) sobre o torneio.

¹ Trabalho apresentado no GP de Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em História pelo PPGHC/UFRJ e Mestre pelo PPGCOM/UERJ. Membro dos Laboratórios do SPORT/UFRJ e LEME/UERJ. E-mail alvarodocabo@yahoo.com.br

³ Termo como é conhecido no Uruguai a vitória da seleção sobre o Brasil em 1950 que reforça o caráter épico e dramático da conquista.

O jornal El País é um tradicional periódico fundado em 14 de setembro de 1918 com grande circulação no Uruguai, e essa coleção acabou tendo destaque na construção da memória sobre os mundiais e até os dias atuais é possível encontrar seus fascículos em livrarias, sebos, barraquinhas dominicais na rua Tristan Narvaja, ou em feiras literárias no Parque Rodó.

Meu interesse ao trabalhar essa revista como fonte é entender como cerca de quarenta anos depois um importante veículo de comunicação uruguaio descreveu a campanha uruguaia no Brasil e as justificativas para a vitória na decisão do torneio sendo que o país estava passando por uma importante conjuntura política devido ao processo de redemocratização do país iniciado quatro anos antes.

Trata-se de uma fonte bem peculiar, pois um registro feito muitos anos depois permanece com discursos cheios de representações importantes para o processo de construção e ressignificação da Memória da partida e acaba reforçando estereótipos clássicos associados ao futebol uruguaio, como as Garras Celeste e Charrua.

A) Conjuntura política e míticas representações do futebol uruguaio

Em 1989 o Uruguai passava por um processo de restauração democrática que se iniciou com as eleições de novembro de 1984 vencida pelo candidato Colorado Júlio María Sanguinetti (1985-1990), e marcou o fim do período ditatorial iniciado em 1973. Era um período complexo, pois a sociedade ainda estava muito dividida e as feridas do império da violência, repressão e ausência de diálogo ainda estavam muito abertas.

Segundo Arteaga (2008) foi implantada uma política de pacificação que teve que resolver importantes questões como a da anistia aos exilados e presos políticos que foi concedida mediante lei promulgada no dia 08 de março de 1985, o restabelecimento dos cargos públicos de cerca de dez mil funcionários que tinham sido exonerados por motivos ideológicos durante a ditadura a partir da edição do Ato Institucional n.7, além da delicada questão da anistia aos militares e policiais pelas violações aos direitos humanos cometidos durante o período de exceção. Este último tema só foi decidido através de referendo popular realizado no dia 16 de abril de 1989 que confirmou a chamada “lei da caducidade” promulgada no final de 1986, episódio que segundo o autor foi importante para a consolidação democrática no país:

El resultado del referéndum significó también un respaldo ao sistema político y al Parlamento, y demostró la eficacia de la sociedad uruguaya para resolver un conflicto y atender las reclamaciones de un

grand sector de la población por un medio – el referéndum – previsto en la propia Constitución y de valor ético indudablemente democrático. (ARTEAGA: p 302, 2008)

No que concerne o futebol uruguaio no cenário internacional, coincidentemente a seleção não se destacava em Copas do Mundo desde o Mundial de 1970, quando obteve uma honrosa quarta colocação. Durante o período de exceção foi eliminado na primeira fase no torneio disputado na Alemanha em 1974 com apenas um empate diante da Bulgária e duas derrotas para Holanda e Suécia e não participou das Copas da Argentina (1978) e Espanha (1982).

O torneio Mundialito realizado em Montevideu na passagem de 1980 para 1981 que tinha como justificativa comemorar os cinquenta anos da organização da primeira Copa do Mundo no país, talvez seja uma exceção pouco estudada⁴ neste período, pois a princípio simbolizou uma conquista celebrada patrioticamente em uma importante conjuntura histórica para o país.

O evento ocorreu em um contexto político e social muito específico devido à proximidade que teve com um importante plebiscito realizado em novembro de 1980 no qual a população uruguaia rejeitou uma reforma constitucional que outorgaria mais poderes e legitimidade à ditadura militar que também era apoiada por grupos civis no país.

É importante destacar que vitória do “não” em uma sociedade controlada mediante atos institucionais, com repressão, cassação de direitos políticos, censura, tortura e controle dos meios de comunicação aparentemente era inesperada pelos militares e civis que apoiavam o regime autoritário. O presidente Aparicio Méndez, advogado que foi indicado pelo Conselho da Nação com apoio militar em 1976 para suceder Juan Maria Bordaberry convocou o plebiscito esperando legitimar ainda mais o regime e a publicidade obviamente se concentrava nos defensores da reforma constitucional.

O documentário Mundialito, por exemplo, apresenta manchetes de todos os principais jornais uruguaiois apoiando o “sim” e as propagandas institucionais, mas a partir dos relatos de presos políticos como Marcelo Esteffanel e o ex-presidente José Mujica, além de outras personalidades importantes como o ex-presidente Júlio Maria

⁴ Uma importante referência é o documentário Mundialito (2010) dirigido por Sebastián Bednarik e produzido por Andrés Varela que coletou diversos depoimentos com historiadores, políticos, jogadores e outras personalidades envolvidas no evento.

Sanguinetti ou o militante comunista José Pacella é possível inferir que a sociedade estava muito dividida, e mesmo com o controle exercido pelas autoridades, a brecha legal para a participação popular mediante plebiscito acabou viabilizando uma vitória contra o regime autoritário.

Neste sentido um evento esportivo, que a princípio poderia ser utilizado como espaço de propaganda de uma ditadura que com a “reforma constitucional” proposta se perpetuaria com maior legitimidade, teria adquirido uma força simbólica de participação e mobilização popular distinta a partir do argumento central da película e do depoimento de alguns entrevistados como o historiador Gerardo Caetano.

A realização do torneio logo após o plebiscito teria permitido manifestações populares e nacionalistas no Estádio Centenário e nas ruas da capital que não tinham acontecido nos sombrios anos anteriores. Presos políticos afirmam que torceram para a seleção, inclusive junto com militares nos centros de detenção e José Mujica chega a afirmar que foi uma “pequena festa para o povo de certa forma compensatória”.

No processo de construção de memória era como se a seleção celeste fosse novamente um termômetro da própria sociedade uruguaia, pois a relação entre identidade nacional e futebolística vinha sendo estabelecida desde as vitórias olímpicas em 1924 (Colombes) e Amsterdam (1928) e dos campeonatos mundiais realizados no país em 1930 e no Brasil em 1950 criando assim um estereótipo de vitorioso, valente e de superação para os jogadores uruguaios simbolizados pelas garras celeste e charrua.

A representação estereotipada de garra celeste no âmbito do futebol uruguaio segundo o sociólogo Rafael Bayce, remonta ao discurso da imprensa sobre as vitórias da seleção do país na Argentina nas finais da Olimpíada de 1928 em Amsterdam e do primeiro mundial realizado no próprio Uruguai em 1930. Seria um traço distintivo identitário vitorioso do jogador uruguaio sobre o argentino dentro do mítico estilo rioplatense⁵, que acaba sendo ressignificado em outras conquistas como na própria vitória sobre o Brasil em 1950:

La expresión ‘garra celeste’ aparece como una de las explicaciones de los triunfos uruguayos ante los argentinos, que eran hegemónicamente interpretados como una virtud anímica que superaba la posible mejor técnica albiceleste...

Creo que es durante las crónicas periodísticas del Mundial de 1930 que esta tesis se impone: los uruguayos les ganarían a los argentinos

⁵ O suposto estilo de jogo rioplatense seria um estereótipo comum ao futebol uruguaio e argentino construído em jornais de ambos os países e da Revista El Gráfico a partir da década de 20, tendo o futebol britânico como elemento de alteridade. Para maiores informações ver Archetti (2003) e Morales (2013).

(la doble final de Amsterdam de 1928, la final de 1930 por 4 a 2 luego de ir perdiendo 1-2) porque tendrían una ‘garra’ característica de los que vestían camisetas celestes, un plus anímico de adrenalina, concentración, adaptación a una instancia decisiva con mucha tensión y stress y ansias superiores de triunfo. Maestros del fútbol mundial desde 1924 hasta 1930, simplemente mejores aunque al mismo nivel técnico que los argentinos, se vuelven simplemente depositarios del fuego sagrado de la ‘garra celeste’. (BAYCE: p. 56, 2014)

Com relação à Garra Charrua, o historiador Andrés Morales em sua obra⁶ “Fútbol, identidad y Poder. (1916-1930)” esclarece que esta representação tem origem com o nascimento do primeiro imaginário nacionalista uruguaio e com os primórdios da própria historiografia uruguaia. Essa associação de supostas características inatas anímicas do uruguaio com um povo indígena ancestral charrua faz parte da construção de um discurso nacionalista ainda no século XIX muito antes do próprio desenvolvimento do futebol no país:

El nacimiento de la historiografía uruguaya se produce con el primer historiador que articuló el principio de una historia nacional: Francisco Bauzá, con su libro Historia de la dominación española en el Uruguay (Bauzá 1880-1882). Según este autor, la nacionalidad estaba predispuesta desde la época dos charrúas, que son para él nuestros primeros aborígenes uruguayos. El capítulo que da inicio ao libro se llama “Habitantes primitivos del Uruguay”. Estos “uruguayos” reciben a los “extranjeros” españoles al principio muy bien. Pero luego el cacique Zapicán resiste a la conquista, mostrando la “garra” que luego emplearían los gauchos y sus montoneras. Las batallas y las gestas contra los españoles son relatadas con un sentido de leyenda patria; son los primeros uruguayos lutando contra los tiranos. El primer mito de la leyenda patria que está narrando Bauzá es Zapicán, que fue el primer mártir de la lucha contra “la dominación española en el Uruguay”. Un Uruguay que ya estaba predispuesto desde los orígenes: los charrúas eran “uruguayos” y defendían el territorio contra los “extranjeros”; luego viene la dominación española sobre el territorio, y por último, lo que él llama “el levantamiento de la independencia. (MORALES: p. 54-55: 2013)

A apropriação de uma representação identitária nacionalista romântica no discurso jornalístico sobre o futebol uruguaio, na minha opinião, faz parte de um processo de construção no qual as vitórias no âmbito futebolístico da primeira metade do século XX, em um país com pequena extensão territorial, passam a simbolizar uma grandeza que transcenderia o domínio esportivo.

⁶ Esse livro de Andrés Morales é o resultado de uma dissertação de Mestrado e se constitui em uma obra imprescindível para entender as origens do futebol uruguaio e a relação do futebol com a questão da identidade nacional no país.

A transposição do mito do cacique Zapicán para os capitães das grandes conquistas como José Nasazzi ou Obdulio Varela, e a exaltação de um sangue de um povo indígena que paradoxalmente acabou sendo subjulgado revelam narrativas nacionais contraditórias onde o vencido acaba sendo a referência de garra, coragem, valentia, características que no campo de jogo seriam fundamentais para construir vencedores. A garra charrua, um dos mitos fundacionais da Nação uruguaia ajudaria a construir junto com a garra celeste uma mitologia única em torno do futebol uruguaio na primeira metade do século XX.

Além da nostalgia das conquistas olímpicas e mundiais desse período, a decadência do modelo político democrático e social do país agravado pela dureza do período ditatorial parecia reverberar no âmbito futebolístico em função dos supostos fracassos da seleção uruguaia.

Ademais, segundo o sociólogo Rafael Bayce (2014), um dos principais investigadores da temática, essa construção também gerou uma pressão sobre os desportistas uruguaio, no sentido de que a herança mítica dos campeões olímpicos e mundiais passou a influenciar na cobrança por novas conquistas brilhantes, épicas façanhas e resultados internacionais.

Sin embargo, todo este complejo pero comprensible imaginario identitario paulatinamente conformado sufre una muy fuerte inflexión cuando triunfa en sudamericanos, olimpíadas y mundiales repetidamente; y el mundo los celebra como maestros y mejores del mundo. Ya la autoestima construida desde el fútbol le reclama repetir como obligación patriótica a los futuros deportistas. Será una pesada mochila de gloria insuperable que perjudicará el rendimiento de todos los futuros representantes celestes, anímicamente cargados con Nasazzi, Scarone, Petrone, Pendibiene, Lorenzo Fernández, Cea, Andrade y otros multacampeones. Cualquier derrota es temida como decadencia; sólo campeonar es festejable, toda otra clasificación es fracaso y los fracasados casi traidores de los semidioses ancestrales. O no se tiene “garra”, o no se tiene fibra patriótica; no es pensable que no sean los mejores y no lo prueben. El pequeño se aburrió de ser el mejor, lo exige, se lo autoexige y no se conforma con otra cosa: la ebriedad de copas producirá infelicidad relativa y desmedidas exigencias para los nuevos deportistas. El pequeño orgulloso se transforma en grande temeroso de caer del pedestal. (BAYCE: 57-58, 2014)

A pressão psicológica sobre os jogadores da seleção uruguaia seria muito grande pois eles eram considerado herdeiros de grandes campeões olímpicos e mundiais e deveriam sempre estar conquistando glórias para o futebol uruguaio. A metáfora da “pesada mochila de glória insuperável” aumentava as expectativas em torno de boas

equipes que muitas vezes frustravam os torcedores e jornalistas por não conquistarem títulos mundiais.

Uma boa geração de atletas como Ruben Paz, Rodolfo Rodríguez, Hugo de León, Dario Pereira, Enzo Francescoli, Vitorino, Aguillera, Ruben Sosa entre outros apesar da conquista do referido Mundialito e da Copa América de 1983, as vésperas de uma nova Copa do Mundo era pressionada pelo peso de um passado futebolístico glorioso que é sempre acionado com pompa nessas circunstâncias através dos veículos midiáticos.

b) Fascículo N.4 – O triunfo em 1950 como representação simbólica da bravura de um povo.

A organização de uma coleção memorialista sobre a História dos Mundiais de Futebol dentro do jornal de maior circulação do país se insere em uma lógica de acionamento da memória, principalmente dos mundiais vitoriosos como foi o de 1950 com destaque para a reprodução dos estereótipos das garras celeste e charrua.

A capa do fascículo analisado ao destacar a imagem de Obdulio Varela, sério, compenetrado, perfilado com a tradicional camisa celeste já remete ao estereótipo da garra uruguaia que vai predominar nas reportagens da revista. As principais chamadas são “Uruguay: De nuevo en la cumbre” em posição superior, “Brasil: La confianza suicida” e “Inglaterra: Fin de un mito” dão indicações das principais pautas abordadas pela equipe de jornalistas.⁷

A primeira página que pode ser identificada como uma espécie de Editorial tem como título “Milagro? Por que?”. A argumentação tem como objetivo maior rejeitar a ideia de que a vitória uruguaia em 1950 teria sido por acaso, algo sobrenatural contestando assim a hipótese irracional de colaboração divina suscitada pela expressão “Milagre”.

O texto inicia estabelecendo diversas comparações pontuais irônicas, principalmente entre os jogadores e setores das duas equipes em dois blocos distintos, o primeiro com suposições que favoreceriam o lado brasileiro e o segundo com “realidades” segundo o autor do texto que explicariam a vitória uruguaia.

⁷ Em função do objetivo desse artigo, foram analisadas principalmente as reportagens relativas à campanha uruguaia e as crônicas sobre a final disputada contra o Brasil.

Entretanto as primeiras afirmações em destaque abordam a representação em torno da ideia de valentia uruguaia. Em oposição à expressão “ Que frente a 200.000 espectadores, - todos en contra – tiembla el más valiente” vem a afirmação “Que los uruguayos nunca tiemblan; y en 1950 ya contabilizábamos antecedentes que abonaban esta sentencia”.

Neste sentido o principal argumento para explicar uma conquista futebolística, mesmo que com o objetivo de desmistificar um suposto caráter milagroso remete a um estereótipo mítico que seria generalizado para todos os habitantes de uma nação. A vitória não seria sobrenatural, mas seria épica conforme trecho abaixo:

Los celestes sabían cómo aguantar el aluvión, y estaban mental y anímicamente preparados para sobrellevar una contrariedad si ésta se presentaba en las primeras de cambio.

Esto podía darse y se dio, aunque no en los pasajes iniciales sino al reiniciarse la lucha en el segundo tiempo. Ahí, curiosamente, fue donde un equipo que lo tenía todo para ganar, cedió la iniciativa, se acordó de la garra celeste, fue consciente de que un gol no bastaba para quebrar a la legión que heredó lauros olímpicos y mundiales, y trabado por esas sombras dejó de ver las luces de una victoria que se le escapó porque hubo alguien que la buscó con más afínco, con mayor convicción, y sin la mínima confusión o turbación nerviosa.

A la hora que debían aparecer los auténticos cracks, únicamente asomaron los de casaquilla celeste.

Los que vencieron no fueron los elegidos del milagro, sino los elegidos de la gloria. (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.111)

A clássica referência aos títulos olímpicos e ao mundial de 1930, a camisa e a garra celeste, a suposta autenticidade dos “craques uruguaiois” justificaria a condição de “eleitos” que se não foram escolhidos por divindades, estariam miticamente vaticinados para a glória.

O relato sobre a campanha uruguaia, goleada contra a Bolívia por 8x0 em Belo Horizonte, empate com a Espanha em 2 x 2 e a vitória contra a Suécia por 3x2 não foi repleto de estereótipos simbólicos, tendo como característica um texto mais objetivo e descritivo de como foram as partidas e o ambiente.

Entretanto alguns lances capitais como o gol de empate de Obdulio Varela contra a Espanha no final de uma partida nomeada “El empate de la Garra y la Furia”, ou os dois gols da virada contra os suecos marcados pelo centroavante Míguez foram descritos com retoques de emoção, sobretudo o tento marcado por Varela:

De pronto, cerca de la media hora Obdulio se posesionó del esférico y avanzó unos metros, sacándose de encima a Parra y a Puchades.

Buscó a un delantero para hacer un pase medido: estaban todos custodiados férreamente. Por allá lejos, como a 40 metros. Ramalletes observaba los desplazamientos de los forwards celestes creyendo adivinar que el caudillo charrúa buscaría la rápida internación de Ghiggia, o la entrada de Miguez. Pero Obdulio, forzado por las circunstancias, siguió adelantándose unos pasos en procura del instante propicio para desprenderse de la pelota. En ese momento partió un grito potente del grupo de uruguayos que presenciaban la partida. Tirá Negro, Tirá!!! y el “Negro Jefe tiró con rabia morena y furor celeste. El shot electrizante superó a Ramalletes y a los fotógrafos, que no tuvieron tiempo de captar el momento en que la bola rebasaba la goal-line. Los archivos fotográficos del IV Mundial sólo pueden mostrar al golero barcelonés tirado en el suelo cuan largo era, mirando al centro del campo, viendo a Obdulio golpeando el mojado piso con sus puños cerrados, y pensando mientras lo observaba: Oh, la vieja magia negra!!! (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.126)

É possível perceber uma descrição épica e a mitificação de Obdulio também conhecido como “El Negro jefe”. O gol do empate no final de uma partida difícil e que manteve o Uruguai com chances no quadrangular decisivo⁸ de ser campeão acaba sendo relatado de forma emotiva.

O “caudillo charrúa”, espécie de representação híbrida de coronel com cacique teria escutado um chamado nacional para chutar uma bola com “raiva morena” e “furor celeste” e socava o gramado com violência. O arqueiro espanhol, destaque da partida até então e considerado um dos melhores do mundo sucumbindo ante a “velha magia negra”. A mitificação do importante gol pelo jornalista ,na minha opinião, chega a beira do ridículo mas traz implícita a idealização de Obdulio Varela.

As reportagens sobre a final contra o Brasil são mais ricas em representações coletivas e metáforas nacionais. A maior delas é assinada pelo colunista Juan Carlos Urta Melián⁹, que teria assistido o jogo no estádio, pois estaria passando lua de mel no Copacabana Palace no Rio de Janeiro. Vale destacar alguns trechos da crônica intitulada “Y Rio se quedo sin su Carnaval extra”:

La seguridad del pueblo brasileño sobre el triunfo del equipo nacional era absoluta. Conversar al respecto con el conserje del Hotel, con el ascensorista, con el hombre de la calle, con el taxi-metrista, era

⁸ A Copa do Mundo disputada no Brasil foi decidida em um quadrangular final sendo que o Uruguai só precisou disputar uma partida contra a equipe boliviana para disputar o título com Brasil, Espanha e Suécia, respectivamente vencedores dos seus grupos. Na fase final o Brasil venceu seus adversários com goleadas acachapantes e o Uruguai teve dificuldades nas duas partidas para obter um empate e uma vitória. O Brasil chegaria na final como favorito e precisando apenas do empate.

⁹ Juan Carlos Urta Melián (1922-2009) além de jornalista foi escritor, poeta e coreógrafo. Informações obtidas em <https://autores.uy/autor/10555> e <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n84-191852/> . Acessadas em 30 de maio de 2018.

recoger cifras de un resultado en todos los casos favorable a Brasil, desde la goleada hasta el triunfo más modesto, pero triunfo siempre. Hablar de una posible derrota hubiera sido admitir un absurdo. Los cronistas habían empleado el posesivo “nuestra” al hablar de la Copa Jules Rimet; y el pueblo en una triste pero aunque explicable confusión de deseo con realidad, había consagrado a su equipo Campeón Mundial, con un exceso apriorístico tan atrevido como lamentable.

Y llegó el día del partido. Un sol magnífico y una temperatura sumamente agradable.

Escenario: un estadio monumental, ofrenda del Brasil al mundo deportivo.

Público: 200 mil brasileños y 200 uruguayos.

Actores: Once campeones mundiales teóricos y once campeones mundiales reales.

El espectáculo impone, emociona, deslumbra. Globos de gas multicolores se elevan llevando suspendidos letreros con frases alusivas al gran acontecimiento. Viva al prefecto de Rio a quien debemos tan grande obra. Viva el Brasil! (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.135)

O texto começa abordando o excesso de confiança dos brasileiros para a partida. Esse é um ponto muito comentado nesta fonte, tanto que um dos tópicos principais na própria capa mencionado anteriormente utiliza a expressão “confiança suicida”. Segundo o autor todos estavam extremamente otimistas e o clima de euforia era perceptível. O cenário estaria lindo, a referência à grandeza do estádio Maracanã e ao caráter espetacular e político do evento complementam o relato inicial.

A utilização das irônicas comparações com relação ao público e aos atores/jogadores: “Onze campeões mundiais teóricos e onze campeões mundiais reais” já sinalizam um ponto norteador da argumentação: os uruguayos são sempre verdadeiros campeões.

Neste sentido, a explicação do cronista é bem contundente e cheia de representações:

Ahora bien, en function de que factores se logró este triunfo sensacional?

En primero lugar esa calidad del fútbol uruguayo que siempre que se emplea a fondo brilla con estupenda preparación física, porque solo así se puede marcar como lo hizo el equipo uruguayo a un cuadro de la movilidad endemoniada y el entrenamiento perfecto del cuadro brasileño. Y por último, el factor imponderable y para mi más importante porque no puede adquirirse ni con entrenamiento, ni con tácticas; el factor que nos distingue por encima de todos los equipos del mundo y que nos hace imbatibles en cualquier terreno. Me refiero al factor anímico, a ese “algo maravilloso” que tantos han llamado “sangre charrúa” y que yo llamaría más correctamente “alma uruguayo” ... a esa aleación de impetu indígena, de fe española y de

guapeza criolla. (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.137)

As explicações para o triunfo apesar de começarem por um aspecto racional como a preparação física dos jogadores que teriam conseguido marcar muito bem a equipe brasileira acabam legitimando o que o próprio autor chama de fator imponderável que não poderia ser obtido nem com treinamento nem com aplicação tática, um suposto fator anímico. Segundo o cronista, algo inato maravilhoso, único, que torna os uruguaio imbatíveis e que para ele deveria ser chamado de “alma uruguaia” ao invés de “sangue charrua”.

Essa nova representação proposta estabelece uma curiosa mistura do suposto ímpeto indígena, da fé espanhola e da esperteza criolla. Uma autoimagem miscigenada que não remete apenas a mítica tribo charrua, mas que mantém um elemento irracional estereotipado caracterizado como “alma uruguaia”.

A referência à mestiçagem e a um processo de hibridação cultural que influenciaria o desenvolvimento de uma forma única e vitoriosa de se jogar futebol é uma característica recorrente nos discursos míticos sobre o suposto estilo de jogo do futebol uruguaio. Segundo Morales:

La idea de mezcla, de mestizaje, es central en los intelectuales que desarrollan la teoría de la hibridación cultural, en donde en el intercambio en esa práctica cultural que es jugar al fútbol se produce un nuevo híbrido que es el estilo nacional de jugar, que mezcla el coraje, la picardía, y la habilidad latina entronizada en la gambetta; com um agregado que será fundamental luego del Sudamericano de 1935 y es la garra charrúa. Esta es fundamental para diferenciarnos y afirmarnos frente a nuestra principal alteridad, Argentina. Las alternativas periodísticas que fundan el estilo criollo son complementarias com los relatos nacionalistas que veremos desarrollarse en los textos escolares. (MORALES: P.133, 2013)

É importante destacar o papel atribuído à imprensa na construção de estilos nacionais de se jogar futebol a partir de uma perspectiva teórica de miscigenação cultural inserida em teorias nacionalistas, fato comum na primeira metade do século XX tanto no Uruguai quanto na Argentina e no Brasil.

A defesa de supostas características inatas: coragem, habilidade, malandragem para justificar uma forma de jogar futebol de um país acaba reforçando discursos nacionalistas e identitários.

O intelectual que faz uma defesa de supostas características inatas oriundas da mistura das raças que formam a “alma uruguaia” também atribui ao treinador Juan

Lopez responsabilidade pela conquista, mas novamente os argumentos transcendem o universo estritamente esportivo:

Por eso López concilió en forma sumamente inteligente la necesidad de una táctica, con la capacidad de improvisación de nuestros jugadores, característica que los ha consagrado siempre con como únicos en el mundo.

De la mitad de la cancha hacia el Arco de Máspoli, estricta marcación de hombre a hombre; de la mitad de la cancha hacia el arco brasileño, libertad de acción sobre la base lógica del frecuente tiro al arco. Y con respecto a la dinámica del juego esperar el ataque rival para actuar de contragolpe.

He ahí la obra de un hombre que sabe de verdad, y que tiene también ‘alma uruguaya’(El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.137)

A exaltação ao treinador Juan Lopez, que teria segundo o cronista armado taticamente bem a equipe com uma defesa sólida marcando homem a homem, mas dando liberdade para a capacidade de improvisação dos jogadores extrapola os domínios do gramado quando se afirma que os jogadores uruguaios são os únicos no mundo e que o treinador sabe de verdade devido a possuir também metafisicamente a suposta “alma uruguaia”.

A reprodução integral de uma crônica do correspondente oficial do jornal “Davy” justifica a vitória uruguaia acionando novamente a suposta qualidade olímpica e os antigos vencedores e heróis:

Uruguay estaba dictando su lección olímpica. Los viejos laureles de dos olimpiadas reverdecían em Maracaná. Gol de Schiaffino! La apoteosis entre el puñado de uruguayos aún sin llanto en los ojos. Sólo en el trepidar acelerado del pobres corazones nuestros. Gol de Ghiggia! La angustia con el alborozo. La amalgama de lo dulce y lo amargo, eso inexplicable en los momentos tremendos de la historia. El final después. Uruguay campeón del Mundo.

Había caído un mito y había resurgido la calidad olímpica. Después de veinte minutos estaban allí la bandera nuestra al tope, flameando orgullosa, acariciada por la brisa calliente de las sierras. Los campeones llorando. Y nosotros jóvenes y viejos, abrazados, también llorando. Simplemente se había aplicado por sola una vez en el campeonato el sistema nuestro: adelante el juego polido y fino, artístico y profundo, genial, inteligente. Y atrás fuerza, coraje, energia, entereza de machos, Eso queríamos para ganar otro título. Y así jugaron Uruguayos campeones de América y del mundo. (El País - Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.139)

É interessante destacar que nesta crônica, apesar de na íntegra ser um relato mais crítico, o desfecho é apoteótico e emocionado com o característico acionamento da tradição do futebol uruguaio, a memória vencedora dos campeões olímpicos e a

referência patriótica a bandeira do país. A hipotética qualidade olímpica teria levado a queda de um novo mito, o futebol brasileiro.

A referência de um vitorioso sistema de jogo uruguaio que finalmente teria aparecido neste campeonato segundo o cronista Davy, seria caracterizado do meio para frente por um futebol artístico de alta qualidade técnica e na defesa pela força, virilidade, coragem e dedicação a equipe. Esses positivos atributos de proteção quase sempre são utilizados para se referir ao capitão Obdulio Varela.

O jogador, além da referida imagem na capa do fascículo ou da representação do gol que fez diante dos espanhóis vai ter uma crônica exclusivamente dedicada para ele assinada por Pepe Vinacho¹⁰. Em um texto até certo ponto poético em alguns trechos a idealização em torno da figura do capitão celeste em 1950 chega a ser ostensiva e pueril. Com o título “Batime, “Tocayo” ... De que te hicieron a vos? a crônica exalta tanto a trajetória de vida do jogador, quanto seu papel na Copa do Mundo de 1950.

No vos sos un sujeto muy especial que llegaste al planeta en un plato volador, una de esas cosas raras a las que los giles de la ciencia les dicen OVNI sin saber que eso significa OBDULIO VARELA NUNCA IGUALADO.

Sos de otro mundo Negro Jefe. Te traje la primavera del 17, el año que los que sudaban la celeste portaron para su bodega la primera Copeja Sudamericana ...Y por varón, celeste fue el jetra de mamertin de chupetes que te encajaron en la cuna pobre de humilde pino...

Cuando en el 50 hubo que poner los tachos en la hora del Brasil, fuiste el primer nombre de la lista de viajeros. Quien podia discutirte el puesto, y más que eso, todavia el capitanato? Mezcla de consagrados y botijada, había que salir a vender pescado gritando el precio sin que nadie protestara... Y así aterrizaste en el Brasil del samba que por culpa tuya y tus huestes, un mes después era el Brasil del lloro.

Al principio la paseyata facilonga por arriba de los bolivianos. Después el balinazo aquel que el catalán Ramallets sintió pasar pero no vio entrar...Luego el Rosário de “Vamo arriba” que te mandaste en Pacaembú, cuando los suecos querian pasarse de piolas y empezaban a festejar un 2 a 1 que se les volvió en cinco minutos un 2x3... Y, por último, a que te dije... la tarde de las narices frias y los gargueros congelados. (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.142)

No primeiro trecho selecionado destaca-se a reverência extrema ao jogador que é tratado como um ser transcendente, nunca igualado que teria metaforicamente vindo

¹⁰ Pepe Vinacho era um dos pseudônimos de Raúl Barbero que foi um importante jornalista, escritor e um dos pioneiros da rádio e da publicidade no Uruguai, além de ter sido colunista do jornal El País durante muitos anos e o diretor responsável por essa coleção. Informações obtidas em https://www.180.com.uy/articulo/52405_Fallecio-Raul-Barbero-pionero-de-la-radio-y-la-publicidad-uruguay

para esse planeta num disco voador. O registro do seu nascimento em 1917 é feito com conexões simbólicas com uma das primeiras conquistas relevantes dos uruguaios e com o mítico azul celeste que já estaria presente no berço de Obdulio.

A segunda parte remete a sua participação no torneio disputado no Brasil. Sua presença “indiscutível” na equipe, bem como a função de capitão são elementos realçados. O superdimensionamento da sua importância em toda a campanha também tem destaque com referência direta ao seu gol contra os espanhóis e a suposta atitude alentadora dos ânimos dos seus companheiros no jogo contra os suecos e na própria final. A afirmação de que o jogador desembarcou no país do samba para um mês depois ser o responsável pelo Brasil se transformar no país do “choro”, claramente denota a importância simbólica que é atribuída a esse jogador na conquista.

É importante ressaltar também que a fonte analisada tem uma variedade de imagens interessantes e curiosidades sobre o mundial que ajudam a construir uma memória vitoriosa e épica do torneio a partir do olhar uruaio. O registro imagético das fotografias de Alfredo Testoni¹¹ que esteve no Brasil durante o torneio e depois se transformaria em um dos maiores fotógrafos e artistas plásticos do país, é fundamental para esse processo de enquadramento de memória. Duas páginas intituladas “Recuerdos e imagenes de un testigo de lujo”¹² com 7 fotos do artista são destaque no fascículo.

Um relato curioso e bem humorado está na crônica “Mi Maracanazo exclusivo”. assinada com outro pseudônimo de Raúl Barbero, “Rebar”, que segundo a crônica estaria desempenhando a função interina de secretário da Faculdade de Humanidades e Ciências no Edifício de Cerrito na véspera da partida final contra o Brasil em 1950. Ele conta que decidiu conceder ponto facultativo na segunda-feira para todos os funcionários sem consultar seu superior que não costumava ir aos sábados, mas acabou aparecendo naquele dia na faculdade para pegar uma pasta.

O cronista conta que além de receber uma bronca, pois segundo o autor não existia esse costume mesmo sendo também véspera de feriado nacional¹³, acabou sendo considerado louco por apresentar como justificativa uma vitória uruaia no

¹¹ Para maiores informações sobre esse importante artista uruaio ver as páginas <https://www.onsc.gub.uy/onsc1/images/stories/Publicaciones/RevistaONSC/r42/r-42anexob.pdf> e <http://mnav.gub.uy/cms.php?e=testoni2002>. Acessadas em 03/06/2018.

¹² (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.140 e 141)

¹³ A final de 1950 foi disputada dois dias antes do feriado de 18 de julho que celebra o juramento constitucional uruaio em 1830.

campeonato mundial, fato que segundo ele era inesperado, mas não foi desautorizado pelo seu superior.

Com a vitória uruguaia, seu superior teria lhe felicitado logo após o jogo e relatado de forma jocosa para diversos amigos sua corajosa decisão e funcionários felizes teriam ido até sua casa saudá-lo na própria segunda-feira.

El lunes “sandwich” cerca de mediodía, una cantarolla murguística entnada bajo los balcnes de mi apartamento, me obligó a abrir las ventanas para ver si el “mensaje” era para mi, o para algun vecino. Yo era el destinatario. Allí, haciendo chocar dos tapas de olla a moda de platillos y golpeando un desartalado bombo, desafinaban lo mejor que podían los porteros, los limpiadores y el conserje de la Facultad, coreando hasta donde su ronquera ló permitia: “Gracias al Secretário, el único que no fue otario” (El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.139)

O divertido relato que pode ou não ser verídico, ou faz parte de uma memória individual que obviamente pode estar deveras distorcida, ajuda a refletir também sobre esse cruzamento de lembranças individuais e coletivas que se retroalimentam a partir de um determinado acontecimento e das representações que são criadas em cima delas.

Nesse sentido, esse fascículo de uma coleção memorialística sobre as Copas do Mundo é muito rico na pluralidade de símbolos, representações e metáforas que estabelecem um enquadramento de memória do “Maracanazo”.

O texto publicitário da contracapa, uma homenagem da Coca-Cola aos campeões mundiais de 1950, que está junto com três imagens simbólicas: o gol de Ghiggia estilizado ao fundo, a foto da seleção uruguaia abaixo e o troféu Jules Rimet ao lado é emblemático desse processo de construção e ressignificação da vitória uruguaia em 1950:

Cuando 11 charrúas fueron a Río gritar gol!..., 200.000 cariocas se juntaron para escucharlos.
Fue el 16 de Julio de 1950.
Brasil estaba em fiesta.
Celebraban la obtención de su primer título mundial.
En su país, en su capital. En su más hermoso estadio.
Todos los detalles previstos. Todos excepto uno.
Que Uruguay ganara. Pero eso era imposible...
Sin embargo, contra todos los pronósticos, tribunas, hechizos, y juramentos: URUGUAI GANO.
Y la Copa Jules Rimet, ese objeto de culto e adoración para todo el pueblo brasileño, pasó manos uruguayas. Esta tarde en todo el mundo quedó demostrado que los dioses del fútbol, juegan con la celeste.
(El País -Historia de los Mundiales de Fútbol: 29/09/1989, P.139)

O texto, destarte o fato de ser mais objetivo que as crônicas em função da especificidade da linguagem publicitária, reforça também os mitos charrua e celeste e o caráter épico e divino da conquista. “Onze charruas teriam ido para o Rio de Janeiro gritar gol” e “Os deuses jogam com a celeste” são expressões que mitologicamente justificariam uma vitória esportiva contra todas as adversidades.

Considerações finais

Elaborar este artigo serviu para refletir mais uma vez sobre o papel dos jornalistas como “senhores da memória” nos termos de Jacques Le Goff (1984) bem como observar que determinadas representações coletivas são perpetuadas ao longo do tempo e acabam se tornando referências praticamente sagradas, intocáveis entre aqueles que narram histórias de copas do mundo.

Ao analisar uma fonte que enquadra a memória do mundial de 1950, quase 4 décadas depois, pude observar o retorno de um mesmo discurso nacionalista e identitário que verifiquei nos periódicos uruguaios contemporâneos do torneio que pesquisei para a minha dissertação (2010) e no próprio jornal El País durante a Copa de 1970¹⁴.

O eterno retorno a mítica Garra uruguaia, seja ela celeste, charrua ou do idealizado capitão Obdulio Varela me parece um recurso retórico que prejudica uma análise mais técnica e racional da vitória no âmbito esportiva.

A importante negação de um caráter divino para explicar o triunfo uruguaio na final não pode ser simplesmente transformada em um discurso mitológico amparado por supostas características inatas nacionais construídas midiaticamente a partir de importantes conquistas futebolísticas na primeira metade do século XX.

A constante reprodução ou resignificação de estereótipos nacionais como as garras celeste ou charrua no caso uruguaio prejudicam uma análise mais aprofundada e crítica, pois são antigas representações regularmente utilizadas para justificar tanto as gloriosas vitórias quanto as contundentes derrotas a partir de uma perspectiva que transcende os gramados e, na minha opinião, reverberam negativamente na construção de uma memória coletiva nacional apoiada em “tradições inventadas”.

¹⁴ Escrevi um artigo junto com Ronaldo Helal sobre o acionamento de memória do mundial de 1950 na cobertura do jornal El País durante a Copa do Mundo de 1970 “Jornalismo esportivo e acionamento da Memória: o Maracanazo 20 anos depois”.

Referências bibliográficas

ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARTEAGA, Juan José. **Breve Historia Contemporánea del Uruguay**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BAYCE, Rafael. **El sinuoso proceso de constitución de la identidad nacional y futbolística**. In – Cuadernos de Historia 14. A romper la red. Miradas sobre fútbol, cultura y sociedad. Montevideú: Biblioteca Nacional, 2014.

EL PAÍS . **Historia de los Mundiales de Fútbol – Fascículo N.4**. Montevideú, 1989.

HELAL, Ronaldo e CABO, Alvaro. **Jornalismo esportivo e acionamento da memória:o “Maracanazo” 20 anos depois**. In - Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. V. 14, n.2. Recife: Ed. Universitária, 2009.

HOBBSAWN, Eric J. e Ranger, Terence. **A Invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LE GOFF, Jacques. **Memória. In Enciclopédia Einaldi Memória – História vol. 1**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

MORALES, Andrés. **Fútbol, Identidad y Poder**. Montevideú: Editorial Fin de Siglo, 2013.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. In Estudos Históricos v.2, n.3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.